



**ANNIKA HOFMANN**  
Macro Analyst  
Banco de Investimento Global

## *Guerra comercial – Donald Trump passa ao lado da questão*

Donald Trump está no melhor caminho para desencadear uma “tit-for-tat” guerra comercial global com o pretexto de segurança nacional (aplicando uma lei de expansão comercial do ano 1962). A sua intenção de impor taxas alfandegárias em importações de aço e alumínio com o objetivo de proteger a produção de aço nacional (a segurança nacional ameaçada), enquadra-se nas ações passadas concretizadas para reduzir a tributação das empresas e diminuir regulamentação – atingindo o objetivo número um da sua agenda política: fazer o mercado americano competitivo de novo. O que nós aprendemos nas universidades até um grau insuportavelmente repetitivo – protecionismo só envolve custo para todos os países envolvidos (indústrias menos competitivas, custos de produção e preços ao consumidor mais elevados, etc.) – é totalmente ignorado por Donald

Trump. Ou estaremos a subestimar o presidente dos EUA? Pode ser Trump o primeiro político suficientemente franco para abordar abertamente as desigualdades das práticas comerciais do mundo de hoje?

Ninguém contesta o dumping agressivo no mercado dos EUA através de aço subsidiado pela República Popular da China. Mesmo considerando o comércio bilateral com a UE, automóveis fabricados na Europa estão sujeitos ao imposto de importação de 2,5%, enquanto a UE cobra uma taxa de 10% sobre carros construídos nos EUA. Assim, não será a responsabilidade do presidente da economia mais poderosa do mundo abordar a desigualdade do comércio global e sublinhar essa moral de “dois pesos, duas medidas”?

A motivação subjacente à política de Trump é provavelmente menos nobre

do que nós nos permitimos acreditar. No seu entender como um presidente “deal-maker” (trazendo elementos que provaram ter sucesso no seu programa de “reality show”), o sucesso político de Donald Trump sempre foi dependente de proporcionar ação – à custa da ofensa a parceiros comerciais, aliados militares e até a sua própria administração. A alternativa de iniciar medidas sustentáveis para fazer progredir o nível da competitividade das empresas americanas implicará trabalho moroso e técnico “à custa” de menos títulos jornalísticos do “action-taking” a curto e médio prazo. Em vez disso, Trump foca-se em conservar os cadáveres das oportunidades de emprego passadas, ao invés de investir na criação dos novos empregos nos setores e indústrias com um futuro. Quase ironicamente, contra isto encontra-se a abordagem política da

China. Parece que a República Popular da China tem aprendido as regras do jogo, anunciando a redução das taxas alfandegárias sobre automóveis e bens de consumo como resposta do ativismo cego de Trump (as intenções verdadeiras por parte da China também devem ser tratadas com prudência). No final, os principais prejudicados pelas tarifas de importação mais elevadas são os aliados (militares) mais diretos dos EUA, nomeadamente o Canadá, a Alemanha, o Japão e a Coreia do Sul.

Ainda que Trump possa ter razão no cerne da questão, as suas ações mais recentes são exemplo da sua (in) compreensão política, mais uma vez. A sua demonstração de “ativismo” (cego) provavelmente prejudicará a sua grande nação para além do seu próprio tempo de antena com o slogan “Make America great again”.